

Filosofia Hoje

Izabela Aquino Bocayuva¹

Resumo: A experiência filosófica do pensamento é *sui generis*. Não é útil para o mero viver prático, mas conduz o homem para a sua possibilidade de realização mais própria e elevada. Para a grande maioria isso que aqui denominamos "possibilidade de realização humana mais própria" é absolutamente inessencial, entretanto, o julgamento da grande maioria estará sempre à margem da filosofia que sempre foi, é e será uma atividade rara e difícil.

Palavras-chave: a questão da origem, felicidade, angústia

Para que haja a introdução na filosofia é imprescindível a disposição de cada qual. Pois, o filosofar não pode absolutamente ser colocado dentro das cabeças e, portanto, das ações. É como se fosse a operação matemática: $2+2=4$ que aprendemos, mas não por ter sido introduzida em cada um de nós e sim por ter sido eduzida (trazida de dentro para fora). O professor de matemática foi necessário para nos orientar na formulação do que nós todos, de certa forma, já sabíamos. O estudo da filosofia não serve para que se decore o que certos homens disseram no passado, mas ele só faz sentido se for um exercício desperto, interativo, de compreensão das questões que dizem respeito a toda a humanidade, ou seja, de questões que todos nós podemos formular se nos dispomos a pensar.

Em todos os tempos, o filósofo vem sendo considerado pela grande maioria um homem à margem, estranho, diferente do comum. Tales de Mileto, o primeiro filósofo do ocidente, foi alvo de uma anedota em seu tempo. Dizem que de tanto contemplar as alturas, acabou caindo num buraco, cena essa que teria arrancado gargalhadas de uma escrava que passava. Sócrates foi ridicularizado pelo comediógrafo Aristófanes na comédia *As Nuvens* onde é posto a dizer coisas inúteis balançando bem alto em sua rede. Hoje em dia, quando alguém está falando um monte de bobagens empoladas, ou seja, quando está embromando um discurso, quando está falando, falando, sem dizer nada, esse alguém é acusado de filósofo. Ou quando alguém leva a vida sem querer nada dela diz-se dele também que é um filósofo. Onde vem toda essa gozação?

¹ Doutorado em Filosofia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil(1999). Professor Adjunto da Universidade do Estado do Rio de Janeiro , Brasil

Certamente que o filósofo não é um homem muito útil para a existência prática. Não que ele não viva a vida prática, pois ele tem que pagar suas contas em dia como qualquer outro. É que sua produção não é do tipo que possa servir para resolver os problemas práticos que possam se apresentar, e como normalmente apenas se dá valor para o que vemos ter e proporcionar soluções concretas, a figura do filósofo fica descartada como a de alguém inútil. Esse julgamento não é sem razão. Realmente a filosofia não serve nem para bater um prego, como diz o filósofo brasileiro Emmanuel Carneiro Leão. Entretanto, não termina aí toda a possibilidade de julgamentos acerca da filosofia. É que pode haver – e há – mais do que a existência pragmática: a existência voltada exclusivamente para as coisas concretas e suas características.

Outra situação que contribui para o menosprezo quanto à atitude filosófica está em que uma pessoa não precisa da filosofia para viver. Quero dizer que alguém pode muito bem nascer, crescer e morrer sem nunca se fazer realmente um questionamento filosófico e nem por isso viver mal. Aliás, pode viver até mesmo bem confortavelmente assim – e nada é imediatamente mais sedutor do que o conforto. Na grande maioria das vezes é isso que acontece, tanto hoje, quanto ontem, e sempre. O homem tem a tendência de se acomodar numa vida meramente pragmática onde ele já encontra respostas para seus problemas ou as procura objetivamente, vivendo uma vida sem mistérios, sem surpresas. Mas, se por um lado pode-se viver sem filosofar, por outro lado, alguém que seja tocado pela filosofia sofre necessariamente uma alteração radical em sua existência, o que o conduz a uma experiência de sabedoria que o homem meramente pragmático jamais terá (e que ele nem quer ter mesmo, sobretudo por causa de medo).

No que consistiria uma tal sabedoria filosófica? Isso é o procuraremos deixar claro a partir de agora. Primeiro, comparemos as duas atitudes, a filosófica (que também vive uma existência pragmática) e a exclusivamente pragmática diante de uma questão fundamental e exemplar para a filosofia: o problema da origem. É importante assinalar que o modo como trataremos essa questão neste momento será meramente figurativo, ilustrativo, já que a filosofia sempre a considera de um modo abrangente e não restrito e “pessoal” como o faremos agora por conveniência.

Imaginemos que estamos vivendo nossas vidas normalmente e somos interrogados de repente ou por alguém ou por nós mesmos sobre a nossa origem. É ou não é verdade que

a resposta que parece de imediato satisfatória a qualquer um para esta pergunta inclui tanto seus próprios pais, conhecidos ou não, quanto o dia, o lugar e até a hora de seu nascimento? Mas, se esta resposta mostra-se satisfatória na maioria das vezes, não é assim que acontece para aquele que tem espírito filosófico. Para ele, esse tipo de resposta não responde à questão, que continua ressoando: qual é a minha origem? Que meu pai seja quem é e minha mãe quem é, isso não faz de mim quem eu sou. Quem sou? Donde vem que eu seja quem sou? E ele acaba se rendendo a uma resposta que não esgota a questão e que é a seguinte: Não sei, não tenho como saber qual é a minha origem (assim como não sei para onde vou). O desconhecimento de minha origem vai além de qualquer data de nascimento. Na verdade, não sei nunca como venho a ser quem sou...

Se qualquer um se colocar essa questão nesse nível, chegará a esse mesmo ponto: não sei... Existe um filósofo chamado Sartre que diz que isso se dá porque a origem de todo e qualquer ser humano é o “nada”. Daí não podermos determinar nosso começo, que não é nada de determinado. Ou seja, esse “nada” não é algo negativo, embora inicialmente estejamos acostumados a compreender a expressão “nada” negativamente. Que nós venhamos do “nada” significa que não somos essencialmente fixos como o são as coisas. Ao contrário, nossa essência está em nossa existência extremamente diferenciada. Somos inteiramente diferentes uns dos outros e quanto a cada um de nós, diferenciamos-nos sempre de nós mesmos, mudamos, nos transformamos física- e intelectualmente. À vivência desta situação chama o pré-socrático Heráclito, em seu fragmento 119, de vivência do extraordinário, pois: “A morada do homem é o extraordinário”. Ou seja, ali onde o homem vem realmente a ser ele mesmo é para além do ordinário. Todo ser humano é assim, embora, na maioria das vezes atue exclusivamente na dimensão tangível do cotidiano imediato. Quer dizer que todos podemos acordar para o extraordinário, ainda que raramente isso aconteça.

A situação original (extraordinária) de todos nós costuma ser rejeitada pelo homem comum, o homem exclusivamente pragmático. Deparar-se alguém de frente com ela é algo que angustia. Costuma-se por isso, fugir freqüentemente dessa angústia à medida que nos ocupamos de diversas formas: seja como estudantes, como professores, como engenheiros, como pais, como filhos, como namorados, como bancários. Em nossas ocupações cotidianas, aparentemente “sabemos” muito bem, sem dúvida alguma, o que somos e

porque somos isso que somos. Sobre esse tipo de atitude frente à realidade nos fala novamente Heráclito, agora em seu fragmento 34 que diz: “Sem compreensão: ouvindo parecem surdos, o dito lhes atesta: presentes, estão ausentes.” O homem exclusivamente pragmático é alguém que pode sempre a qualquer momento acordar desta situação: ele escuta continuamente a música do extraordinário, ainda que permaneça surdo a ela. Ele é quem está sempre presente à experiência do extraordinário, embora esteja como que dormindo para ela.

O filósofo é, entretanto, um tipo, fora do comum, que encara de frente aquela angústia original, extraíndo dela o que ela tem de positivo: é por sermos propriamente “nada” que podemos ser criativos e livres. O filósofo se mantém junto àquela angústia sobretudo por ter compreendido de um modo todo especial a relação do homem com a felicidade. Esse modo especial faz dele o único que pode ser chamado feliz e exatamente porque descobriu, paradoxalmente, que o homem nunca pode chegar a ser “feliz”. Parece uma imensa contradição. Mostraremos que não o é.

O homem, em sua experiência ocidental, se vê como incompleto: um ser que tem consciência de que incessantemente gerir sua existência. Isso faz dele um ser insatisfeito que em todos os tempos sempre criou a fantasia da satisfação, à qual costumou chamar ‘felicidade’. Hoje, os veículos de consumo propagandeiam e prometem essa felicidade das mais diversas formas e fazem acreditar que chegará um momento tão absolutamente pleno que, na posse de algo ou de alguma situação como por exemplo a aposentadoria, ou um carro, ou uma fortuna, haverá o inteiro êxtase, sem mais haver a necessidade de que se faça coisa alguma. O interessante, é que esse momento pleno é apenas uma fantasia. Nunca que pode chegar esse tipo de plenitude total para o homem, pois, cada um tem de sempre estar construindo cada momento de sua existência até o fim, isto é, até sua própria morte física.

Como o homem comum acredita que a “felicidade” implica em total plenitude que significaria não ter de fazer mais nada, e isso é, na verdade, só uma fantasia, ele sempre se frustra ao atingir alguma meta que novamente o lança na gira. Insistindo na mesma perspectiva, só lhe resta torna-se um constante infeliz. Sua insatisfação é infeliz. Ora, mas haveria uma insatisfação feliz? Vejamos.

Só como exemplo, tomemos um escultor. Cada escultura sua é um fim que ele alcança, mas não é “o” fim. Ele é escultor justamente por não se satisfazer com uma só

escultura, mas por estar no exercício da realização de interminável obra. Cada passo desta sua obra é uma alegria, ao mesmo tempo que afirmação da situação irremediável de sua insatisfação, pois para ele nunca cessa a necessidade de fazer mais uma outra escultura. Ser artista exemplifica o filosofar. O filósofo tem plena consciência da incompletude do homem, o que lhe angustia, mas ele tem também plena consciência de que é isso mesmo que faz dele um ser criativo e livre. É assim, que o filósofo pode alcançar a felicidade, a alegria de cada passo que dá como sendo um passo de sua passagem construída por ele e a saborosa circunstância que lhe chega. Ele não está aguardando por um momento de descanso e por isso não acredita naquele tipo de crença vulgar na “felicidade”. Deveríamos dizer que, paradoxalmente, mas sem contradição, o filósofo é o único capaz de felicidade por não acreditar na possibilidade da “felicidade”.

Há uma outra coisa que em todas as épocas contribui muito para que nos afastemos do filosofar: o medo da morte. Um tal medo serve muito para nos inserir na sociedade e suas regras. Medo da morte significa medo do desconhecido, o qual, se cultivado nos faz dóceis e obedientes, mas também nos afasta da criatividade e autenticidade. Um artista, por exemplo, precisa da coragem de não temer o desconhecido para então impor uma nova ordem antes dele desconhecida: sua obra. Isto não quer dizer depravação, mas apenas que ele é capaz de ser autêntico na sociedade em que vive. Um artista, ou um filósofo, ou qualquer outro que viva uma existência autêntica são aqueles que aprenderam em suas realizações a superar o medo da morte (simbólica).

Há dois mil e quinhentos anos, Platão deixou escrito um texto que nos fala sobre o processo do filosofar. É a alegoria da caverna que se encontra em seu livro *A República*: um diálogo entre a personagem Sócrates e alguns amigos, que desenvolve a questão da justiça. Lá a personagem Sócrates faz uma comparação entre a visão intelectual que o filósofo tem da idéia do Bem e a visão que se pode ter do Sol no mundo natural. Essa comparação entre o Bem e o Sol será esclarecida justamente na Alegoria da caverna. É importante frisar que “caverna” aqui tem a ver com a situação da maior escuridão em comparação com a maior luminosidade quando na presença do sol.

Sócrates, na Alegoria de Platão, convida Gláucon a acompanhá-lo no assunto “educação e falta de educação” e para tanto começa descrevendo uma cena a princípio estranha: homens encontram-se dentro de uma caverna, presos pelo pescoço e pelas pernas



vendo apenas as sombras do que passa às suas costas, sombras estas possibilitadas pela luminosidade de um fogo sempre aceso que se encontra mais atrás. Como estão presos numa posição que só lhes permite a estaticidade e voltados para o fundo da caverna onde são projetadas as sombras, acreditam que estas são, sem dúvida, “a” realidade (eis a sua estaticidade). Tais prisioneiros, diz Sócrates, somos todos nós, de início, enquanto ainda não começamos nosso processo de educação o qual só pode se dar a partir de uma ruptura repentina em relação àquela situação estática, cheia de suficiência e crente de saber. Destrinchando a alegoria, podemos perceber que de início e muitas vezes até tarde na vida, acreditamos que estamos seguros (ou inseguros) vivendo uma realidade que julgamos ser constituída pelas coisas que se passam ou acontecem imediatamente, ao alcance de nossas mãos ou olhos. Entretanto, esse ponto de vista depende de não termos apreendido como o Real é muito mais que isso. Sim, *ele emerge do que não alcançamos imediatamente e que talvez não alcancemos nunca*, ao mesmo tempo que, paradoxalmente, *ele já sempre nos alcançou*, deixando que se concretize tudo o que vivemos, em cada todo ato e gesto. Isto significa que sua marca, além da intangibilidade é a inesgotabilidade, acompanhada da surpresa a qual é preciso aprender a perceber não pelos sentidos, mas apenas pelo pensamento. Segundo aquela primeira percepção de realidade, porém, aconteça o que acontecer de agradável ou desagradável, ela só faz entender esse acontecimento à luz de atitudes já registradas no mundo que já “conhece”, para assim permanecer ‘acomodada-satisfeita’ às opiniões que tão só reproduz sobre as coisas do mundo e pronto, sem surpresas. Dessa forma, não precisa pensar nada: não precisa decidir sobre nada, não precisa agir, correr riscos.

Pode, entretanto, acontecer de alguém incomodar-se por não se satisfazer mais com as opiniões ou repostas prontas já disponíveis, não se satisfazer mais com suas atitudes. Uma tal insatisfação é o que pode ir preparando aquela ruptura capaz de libertar das correntes do pescoço e das pernas. Diz a Alegoria que é subitamente, sem explicação prévia, que um prisioneiro, sendo tocado, dá atenção ao toque e rompendo suas amarras, vira-se e olha para o que ocorre atrás de suas costas. A luz do fogo que provocava as sombras no fundo da caverna lhe ofusca e faz seus olhos doerem fortemente. Nesse momento ele tenta esquivar-se da situação em que se encontra, tenta voltar atrás, pois o acontecimento é por demais desconfortável, mas já não é mais possível, pois, não pode

evitar o fato tão forte de ter visto a luz. É quando o desconforto na existência nos alcançou como um raio fulminante. Trata-se de um desconforto, uma angústia, altamente positivos, porém, pois acordam, quem passa por isso, para a criação (o parente mais próximo da surpresa), única fonte da qual podemos colher alegria sobre essa Terra que habitamos.

Não poder mais aceitar meramente as opiniões ou atitudes correntes vem de, de repente, já se estar vendo ou vivendo de outro modo ainda que este modo não seja de fácil acolhimento no início da metamorfose, pois é muito difícil deixarmos o confortável hábito aparentemente “feliz” para nos lançarmos na vida, sem medo da não ventura. Exige coragem aceitar-se a mudança como algo bem mais do que uma mera palavra vazia. Com efeito, o processo de acolhimento da transformação, mais longo ou mais curto, acontecerá inevitavelmente, à medida que tudo o que, desse modo, se viver e sentir, o for a partir dessa nova experiência de mudança. Na Alegoria isso significa: ver com mais nitidez, e tal maior clareza fará com que esse homem em questão goste mais de sua nova experiência com o mundo e a considere melhor do que aquela que ele lembra-se de ter vivido anteriormente quando estava preso. Aliás, só agora ele pode saber que esteve preso. Só agora ele pôde fazer a experiência de prisão, a qual nunca mais lhe abandonará: ele sabe agora o quanto para sempre é preso, preso à sua própria liberdade de ver, de avaliar mesmo que seja em relação a algo que não se tem escolha. Já os prisioneiros da caverna se enganam à medida que se acreditam absolutamente livres na sua suficiência. Acham que ter liberdade é poder escolher entre coisas ou mesmo entre ruas a seguir. Daí a fantasia tão comum de que o dinheiro, por si, traz a felicidade, pois ele amplia o leque das escolhas.

Na Alegoria, aquele que vê com mais nitidez e que vem se tornando cada vez mais sagaz, vai se aproximando da saída da caverna até que ele finalmente sai daí, não sem antes cumprir um ritual de adaptação olhando primeiro para a luz da lua refletida na água, depois para a luz da lua, depois para a luz do sol refletida na água, depois para o próprio sol. Esse seria o ponto máximo de sabedoria a atingir por aquele que antes, alegoricamente, mesmo tendo visão, enxergava mal no interior de uma caverna, ou seja, que mesmo tendo condições de aprender a aprender o mundo em sua dinâmica inesgotável – tal como o sol abunda em iluminar tudo –, e com todas as suas surpresas, apenas aprendia a reproduzir o que lhe era passado como sendo “o” mundo.

A metáfora do sol está no lugar da compreensão da idéia do Bem, possível apenas para os filósofos, da qual nos falara Sócrates na própria *República* num capítulo anterior ao da Alegoria. Nossa interpretação da comparação entre o Sol e o Bem é a seguinte: para o mundo natural, o sol é a sua condição de possibilidade, mas de tal modo que ele mesmo não arbitra sobre nada daquilo que ele possibilita. Cada coisa nasce e morre sem que o sol tenha escolhido isso. O sol acolhe a existência de tudo o que ele possibilita. Da mesma forma o Bem, mas em relação ao mundo inteligível, ao mundo do pensamento. Ele possibilita toda e qualquer idéia que há ou possa haver, mas não arbitra sobre nenhuma delas. O Bem acolhe tudo o que acontecer. É a disposição, a *héxis* desde a qual tudo pode acontecer. O filósofo, como alguém que compreende a idéia do Bem, acolhe amistosamente toda a realidade, assim como a vista alcança tudo o que está visível à luz do sol. É muito difícil realizar algo assim, pois normalmente nós estamos sempre fazendo juízos de valor sobre as coisas, gostando particularmente de uma coisa e não gostando de outra. Para o filósofo, quando ele pensa a realidade, não vale o seu gosto particular, mas a questão em jogo, a qual sempre é a questão.

Na Alegoria ainda é dito que aquele que trilha esse caminho de maior esclarecimento retorna à caverna para alertar para a possibilidade de um tal percurso, e fica, assim, sujeito a sofrer, por parte dos que estão prisioneiros, as maiores agressões, a ponto de quererem pegá-lo e matá-lo (clara alusão ao que de fato aconteceu a Sócrates, condenado a tomar cicuta pelos cidadãos de Atenas). Seu medo da morte é imenso! Pois para nascerem para o mundo da criação é preciso morrerem, ainda que simbolicamente, para o mundo que eles mesmos reconhecem como mundo. O dito retorno à caverna, porém, é preciso ainda esclarecer, não pode ser tomado literalmente. O processo de educação daquele que se solta das correntes, não se realizou como que num deserto, donde ele voltaria só no fim de sua educação. A questão é que aquele que passa pela grande transformação do filosofar realiza realmente um processo paralelo ao do comum dos homens, ao fim do qual ele chega incomodando aqueles que se encontram prisioneiros da crença em seu próprio saber absoluto sobre a realidade concreta e imediata. Falar em retorno à caverna quer aludir ao caminho paralelo do filosofar que não é nenhuma loucura, mas incomoda porque mesmo falando de coisas aparentemente estranhas, é partilhado, ainda que por poucos.

Filosofar é aprender a morrer simbolicamente, aprender a mergulhar no desconhecido, na surpresa, é suportar não saber, pois só quem não sabe pode aprender ainda. Em todas as atividades humanas podemos encontrar ‘filosofantes’ e ‘não filosofantes’, ou seja, podemos encontrar essa atitude propriamente. Filosofar é sobretudo realmente agir. Lembramos, com isso, do fragmento de Heráclito: Não é para se falar e agir dormindo. Mas, quem fala isso é um filósofo. Ele fala a partir de sua experiência, aquela que vem incomodar a quem pode perfeitamente recusar-se a se dispor a experimentá-la.

Não cabe colocar a filosofia como uma vantagem em si ou muito menos como uma obrigação para os homens. Ela apenas é uma possibilidade e que, com todo direito, pode se pensar como uma muitíssimo nobre possibilidade de realização humana, que sempre tem sido importante para o andamento do mundo, mesmo que isso não seja visível para olhos não filosóficos.

Bibliografia

Aristóteles. *Ética a Nicômaco*. Trad. Leonel Vallandro e Gerd Bornheim. São Paulo: Abril Cultural, 1979.

Heidegger. *Ser e Tempo*. Trad. Márcia Sá Cavalcante Schuback. Petrópolis: Vozes, 2006. 2ª ed.

Platão. *A República*. Trad. Maria Helena da Rocha Pereira. Lisboa: Calouste Gulbenkian, 1983.

Sartre J-P. *O Ser e o Nada*. Trad. Paulo Perdigão. Petrópolis: Vozes, 2002.